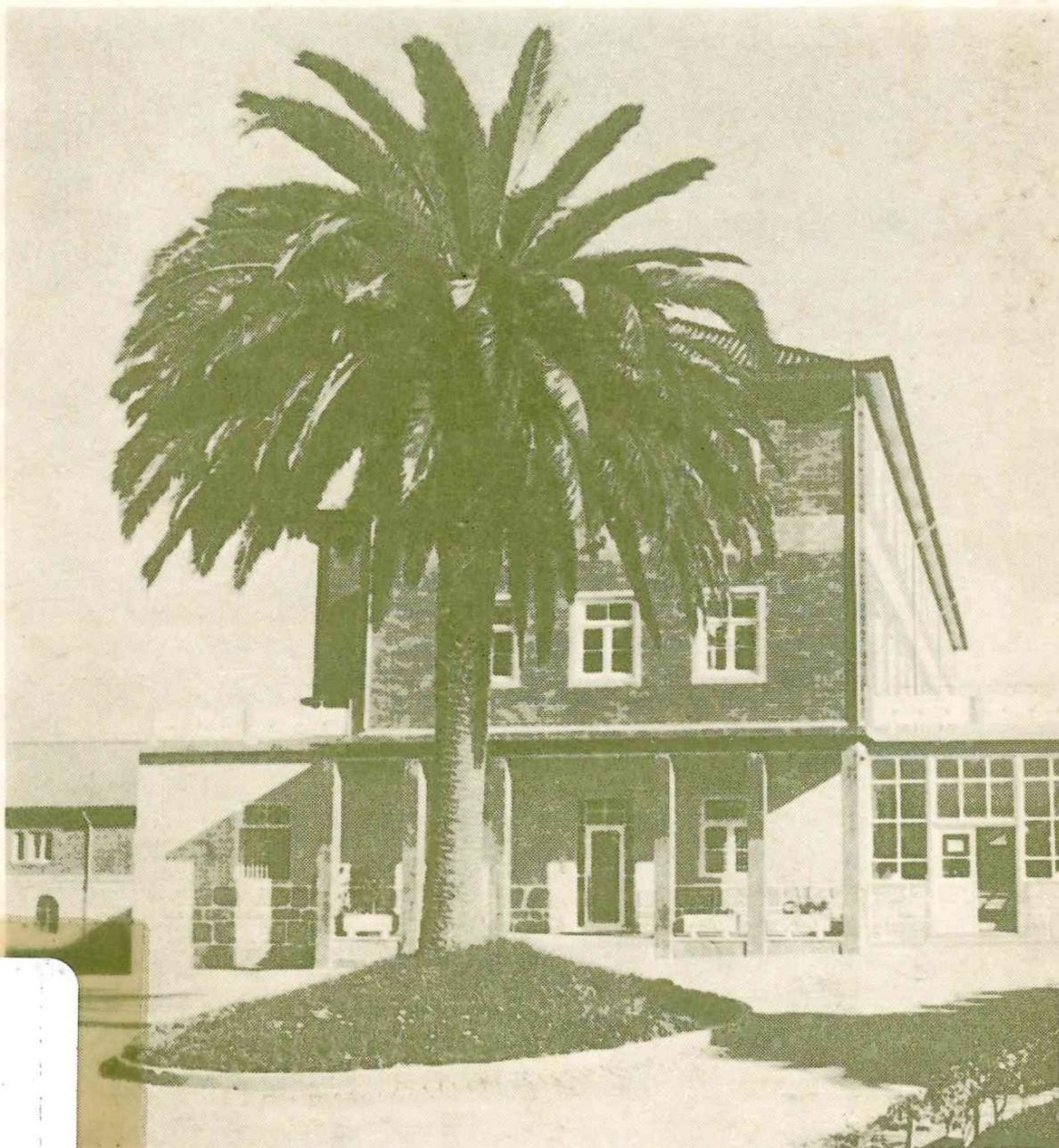


Homenagem aos Irmãos de La Salle em Barcelinhos



1.75(469.12)"1986
M

24, 25 E 26 DE OUTUBRO DE 1986

Homenagem
aos
Irmãos de La Salle
em Barcelinhos



Barcelina
Perm.

Coordenação de: Abílio Mariz de Faria
Sebastião Matos

Execução gráfica: Tipografia Camões — *Póvoa de Varzim*

PROGRAMA

DIA 24 DE OUTUBRO —

Às 21,30 horas — SESSÃO SOLENE
Conferência subordinada ao tema

«BARCELINHOS E OS IRMÃOS
DAS ESCOLAS CRISTÃS»

pelo Dr. Sebastião Matos, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos. No final actuará o Grupo Coral de Barcelos.

DIA 25 —

Às 16 horas — LANCHE CONVÍVIO, no Colégio de La Salle, para as crianças.

Às 21,30 horas — Na Igreja Paroquial de Barcelinhos, actuará o GRUPO DE METAIS DO PORTO sob a regência do Rev. Cónego Ferreira dos Santos.

DIA 26 —

Às 11 horas — MISSA SOLENE, presidida por Sua Ex.^a Rev.^{ma} D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo de Braga, com cânticos pelo Grupo Coral de Barcelos.

Às 12 horas — Descerramento duma placa junto ao Largo do Tanque, com o nome de «*Rua Irmãos de La Salle*».

Às 13 horas — ALMOÇO CONVÍVIO

Nota de Abertura

A Paróquia de Barcelinhos promoveu, em 24, 25 e 26 de Outubro, uma Festa de Homenagem aos Irmãos das Escolas Cristãs que aqui exercem a sua missão de Educadores, desde 1952.

Pudemos contar, desde o início, com a colaboração das Ex.mas Autoridades concelhias e distritais. A Assembleia de Freguesia e a Junta de Freguesia solidarizando-se connosco, cada uma na esfera da sua competência, responderam dignamente às aspirações do Povo e contribuíram para dar às Comemorações uma nota de empenhamento colectivo que nos apraz realçar. A presença interessada dos barcelinenses e muitos outros admiradores da obra Lassalista aos diversos números do programa dizem bem do carinho e simpatia que os Irmãos disfrutam entre nós.

A cultura e a fé deram-se as mãos para criar um ambiente de festa, na partilha da Amizade e da Gratidão, que teve momentos de grande elevação artística e espiritual.

Os temas desenvolvidos e as afirmações então proferidas suscitaram interesse também em outras pessoas que não puderam estar presente e delas tiveram conhecimento. Agora, pedem-nos informações de pormenor que gostaríamos de satisfazer. Por tal razão, e ainda porque sentimos necessidade de arquivar para a história da nossa terra os passos principais de tão justa Homenagem, compilamos, do que foi possível reduzir a escrito, o presente Opúsculo. Permitimo-nos, entretanto, ressaltar que se trata de documentos que foram elaborados para serem lidos. Daí algumas marcas de oralidade que os Autores entenderam não alterar.

Barcelinhos, Festa do Padroeiro S.to André, 1986.

O Reitor, P.º Dr. Abílio Mariz de Faria

Sessão Solene

Com esta Sessão Solene vamos dar início às Comemorações festivas de Homenagem aos Irmãos das Escolas Cristãs.

Em nome da Comissão Promotora, a que tenho a honra de presidir, saúdo as Excelentíssimas Autoridades aqui presentes (...) e os distintos convidados que quiseram estar connosco nesta hora grande para Barcelinhos.

Saúdo igualmente a Comunidade Paroquial aqui tão largamente representada, não propriamente a responder ao nosso apêlo mas a aproveitar a oportunidade que se lhes oferece para viver e dar largas a um forte sentimento de simpatia e admiração aos bondosos Irmãos de La Salle que aqui exercem a sua actividade e se desentranham em carinho e atenções para com todos, particularmente as crianças e os jovens — o dom carismático do seu fundador.

A todos saúdo respeitosa e jubilosamente.

A todos quero transmitir desejos de Boas Vindas a esta Paróquia de Barcelinhos que vai estar em festa ao longo de três dias.

Benvindos também a esta Casa — Salão Nobre dos nossos Bombeiros Voluntários — gentilmente posta à nossa disposição. Muito obrigado.

Benvindos, pois. É que a Sessão Solene desta noite dê o tom e aponte o nível das Comemorações que desejamos festivas e participadas, numa dinâmica de fé criativa e vivencial à altura da benemérita Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs e do trabalho que entre nós realizam.

Passo a apresentar o Conferencista, Dr. Sebastião José Sá Matos que nasceu em 20 de Janeiro de 1942 na freguesia de Areias de Vilar, concelho de Barcelos.

Concluiu o Curso de Filosofia e Teologia dos Seminários diocesanos de Braga em 1965.

Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde se licenciou em História.

Professor efectivo do 1.º Grupo na Escola de André Soares em Braga.

Professor, por acumulação, do Colégio La Salle desde 1980, o primeiro ano lectivo nos moldes actuais.

Presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Barcelos quando ali trabalhou em 1979/82.

Trabalhos publicados no Boletim Cultural de Esposende e na Revista de Barcelos.

Membro do Grupo de Arqueologia que fez o Levantamento Arqueológico de algumas freguesias do concelho a convite da Câmara Municipal.

Como Professor e intelectual o Sr. Dr. Sebastião Matos foi convidado a proferir uma Conferência nesta Festa de Homenagem que a Comunidade Paroquial de Barcelinhos está a prestar aos Irmãos de La Salle. Conhecedor do espírito e da pedagogia preferencial dos Irmãos das Escolas Cristãs, partilhando, ali, experiências e iniciativas a nível de ensino, o Dr. Sebastião Matos é a personalidade indicada para nos falar nesta Sessão Solene.

Agradecemos-lhe ter aceite o nosso convite. E, de coração agradecido, ficamos de alma aberta e ouvidos atentos aos ensinamentos, sem dúvida preciosos, que nos vai ministrar.

P.º Abílio

BARCELINHOS E OS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS

A história dos irmãos das Escolas Cristãs em Barcelinhos está por fazer e seria veleidade e muito atrevimento, pretender fazê-la aqui, não só porque não é o local nem o momento propícios, mas também porque não dispomos de todos os elementos que constituem as fontes desta História. O nosso trabalho, mais que uma resenha sobre a «Casa de Barcelinhos», pretende ser uma visão global do Instituto e sua pedagogia própria, passando por uma leve biografia do seu fundador e sua implantação no mundo.

Apesar das muitas limitações com que fomos confrontados e sabendo que outros o fariam com mais acerto, procuramos ultrapassar as dificuldades, com mais ou menos talento e assim nos associamos à homenagem que o Povo de Barcelinhos pretende fazer.

Recuemos um pouco no tempo, até esse 3 de Setembro de 1952, data em que Barcelinhos recebia dentro de suas portas, mais concretamente na então chamada «Quinta do Galo», hoje Colégio de La Salle, os novos inquilinos. Chegavam os irmãos das Escolas Cristãs, ou então, em memória do fundador — o Sr. de La Salle — os Irmãos de La Salle.

A população interrogava-se sobre quem e que tipo de pessoas eram essas e quais os objectivos que presidiam na mente daqueles homens vestidos de sotaina e colarinho branco, em adquirir uma quinta de lavoura. Mais interrogativa ficava, quando dois dias depois, no dia 5 de Setembro, chegava, vindo de Espanha, um grupo de 15 jovens que aqui vinham fazer os seus estudos. Seriam os primeiros, pioneiros de muitos outros, desbravando caminhos para os que mais tarde have-

riam de chegar, vindos não só de Espanha, mas do Minho ou do Douro.

A população mantinha-se na expectativa ao ver desaparecer a antiga casa de lavoura e ao ver nascer, em seu lugar um novo edifício, amplo, arejado, que a estes e a muitos outros pudesse albergar. Na expectativa, ao vê-los participar na sua vida comunitária, ao senti-los presentes no seu dia a dia.

As crianças porém, menos racionalistas que os adultos, descobrem bem mais cedo, que aquele portão encimado pelo dístico de «Quinta do Galo», outrora sempre fechado, agora se abre de par em par, para que todos entrem e encontrem debaixo daquelas árvores frondosas um óptimo espaço para recreio e outras actividades lúdicas. Descobrem naqueles homens uns amigos, adultos que também sabem brincar, mais velhos mas sempre jovens, que falam e ensinam, que a todos recebem do mesmo modo, independentemente da sua posição social, riqueza, religião ou cultura, que têm para todos os mesmos gestos, porventura os mesmos carinhos e porque não, as mesmas guloseimas.

Para todos a instrução catequética aliada a uma profunda vivência cristã.

O povo tem razão no seu aforismo: «Quem meu filho beija minha boca adoça» e foram as crianças quais pregoeiros da verdade, que levam a boa nova e mentalizam os mais velhos, indicando-lhes quem e que tipo de pessoas eram essas, ajudando-os a descobrir o perfil humano e cristão desses homens — os Irmãos de La Salle. Foram as crianças que afastaram do espírito de muitos, sobretudo dos mais velhos, as teias que embotavam as suas consciências, urdidas por uma mentalidade muito específica do Séc. XIX, veiculada através de obras literárias, entre outras, «O Crime do Padre Amaro» e «A Velhice do Padre Eterno», de Eça e Junqueiro respectivamente, porque não se tratando de clérigos esses homens andavam de sotaina.

Pelos frutos se conhecem as árvores e Barcelinhos com a passagem dos anos começava a sentir-se orgulhosa por ter dado mansão a tão bons vizinhos e, já não eram os inquilinos distantes, mas os amigos de sempre.

Aos primeiros quinze estudantes, vindos de Bujedo, cinco portugueses se lhe juntaram de imediato, e a Casa de Barcelinhos atingia a sua máxima lotação, cerca de uma centena, na década de sessenta. Não apenas frequentaram esta casa os aspirantes, ou seja aqueles que faziam o ensino secundário e que eram orientados na descoberta da sua vocação, mas também aqui fizeram alguns o noviciado e escolasticado.

Assim, tendo o noviciado, tempo em que os jovens reflectem maduramente sobre a sua vocação, sido transferido de Valladolid, em 1954, para Leiria, onde se encontravam portugueses e espanhóis, reconhecendo-se a estreiteza e falta de condições desta casa, este foi transferido para Barcelinhos em 1960 e aqui permaneceu durante 6 anos, tendo novamente em 1966 sido transferido para Valladolid.

Quanto ao escolasticado, escola de formação para o magistério, aqui funcionou durante dois anos, com um grupo pequeno porque já experimentados como o ouro no cadinho, desde 1956 a 1958, data em que pelo aumento de gastos e muitos sacrifícios que eram exigidos à casa mãe, foi tomada a decisão de os transferir e de uma vez por todas para Espanha.

Enquanto noviços e escolásticos tiveram por aqui uma passagem fortuita, seis e dois anos respectivamente, o aspirantado aqui permaneceu até 1975, ano em que podemos dar por encerrada a primeira fase da vida desta casa.

Barcelinhos albergara simultaneamente aspirantado e escolasticado e aspirantado e noviciado.

Aos primeiros cinco irmãos fundadores — Irmãos Luciano Fernandes, Francisco Iglesias, Amâncio, Firmino Costa e Emílio Vicente outros se lhe juntaram (cujos nomes aqui não mencionamos, pois uma omissão poderá significar uma injustiça) e de quem as vidas eram reflexo da mensagem do fundador, exarada no ponto 2, do N.º 86, do Livro de Meditações em dia de Natal: «ao escolher este estado, temos que nos resolver a viver no abatimento ... isso é o mais característico da nossa profissão e trabalho. Somos irmãos pobres e pouco conhecidos pelas gentes do mundo. Só os pobres vêm ao nosso encontro». Este viver impressionava as populações.

Essas crianças de ontem, pais das crianças de hoje que

também procuram naquela casa e nos irmãos os mesmos carinhos e ensinamentos, tomando consciência dos dias que passam, visto que como nos diz Marc Bloch «a inconsciência do presente nasce totalmente da ignorância do passado» recordam como se fosse um presente, aqueles espaços verdes, aqueles irmãos sempre disponíveis, os estudantes seus amigos e companheiros, como a melhor ocupação dos tempos livres de ontem — os OTL dos anos 60/70. As crianças e jovens de ontem, homens de hoje, que tantas vezes conviveram com os irmãos, na Quinta do Galo, nas salas de catequese, nas estruturas paroquiais, ou nas suas próprias casas, decidiram não sem a contestação de alguns, promoveram esta homenagem de gratidão, sinal e senha de que essa virtude — a gratidão — um pouco arredia dos livros e dos costumes, ainda está viva no povo de Barcelinhos.

Impossível porém falar da parte sem atingir o todo; impossível referir o ramo sem fazer referência ao tronco e à raiz; e Barcelinhos e esta casa, outra coisa não é que um pequenino ramo — mas parte integrante — dessa árvore frondosa — O INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS — cuja copa desde há muito abarca os cinco continentes.

* * *

Sr.^{as} e Srs. — Para bem compreendermos a razão última das decisões tomadas pelo fundador da obra de La Salle, temos que penetrar um pouco na sua vida e ambiente familiar, em articulação e conjugação com o económico e social, o político e cultural, o religioso e as mentalidades do seu tempo e lugar.

O fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs foi João Baptista de La Salle. Da sua vida apenas referiremos os aspectos que nos pareçam mais significativos para uma visão genérica do perfil do homem e do pedagogo.

Nasceu em Reims, uma cidade situada a 150 Km a NE de Paris, em 1651, há precisamente 335 anos. Ao contrário do que alguns dos seus biógrafos afirmam seu pai — Luís de

La Salle — não possuía qualquer título nobiliárquico. Era sim licenciado em direito, conseguiu ainda muito novo, com apenas 22 anos, em 22 de Julho de 1647, assumir o cargo de conselheiro real em Reims.

É nesta ocasião que Luís pensa no seu casamento com Nicolasa de Moet. Esta sim parece pertencer à nobreza, não à nobreza de armas ou da corte, mas sim à fundiária ou feudal, título que viria a perder em sequência do casamento, pois, segundo os costumes de Reims, a preponderância do marido sobre a esposa acarretava para esta a perda de tais títulos. João Baptista e seus irmãos de sangue não seriam pois nobres. O pai de Nicolasa era também conselheiro real e foi no exercício de tais funções que conheceu o jovem e dinâmico Luis de La Salle, a quem admirava profundamente o que o levou, não sendo ele nobre, a não impedir o casamento com sua filha.

Estamos pois perante uma família à qual poderíamos rotular de burguesa, com bens de raiz, que não sendo muito rica não era pobre, mas bem acomodada. Deste casamento haveria de nascer em 30 de Abril do ano supracitado, o primogénito, aquele a quem foi dado o nome de João Baptista.

Os seus pais com uma profunda e sólida formação religiosa, procuram transmiti-la ao seu filho e preferiram também, quer pessoalmente quer por preceptores, dar-lhe a instrução. Não frequentou João Baptista a escola primária da sua cidade.

Aos dez anos, para dar continuidade à preparação realizada em casa, seus pais compreendem que é necessário o ingresso num colégio. Entre os dois existentes na cidade preferem o chamado «Bonorum Puerorum» em detrimento de um segundo dirigido pelos jesuítas. Aí dá entrada pela primeira vez em 10 de Outubro de 1661. Com dez anos era um menino disciplinado e dedicado, com rasgos ora de ingenuidade ora de astúcia, mas alegre e vivo.

Aos onze anos começa a despertar nele a vocação e o desejo de consagração, através do sacerdócio.

No colégio que agora frequentava era necessário pagar ao professor, ao porteiro, as propinas, livros, direito a exame

e outras pequenas despesas, o que ficava ao alcance de qualquer fortuna média. Mesmo assim nenhum artesão pensava em colocar o seu filho no colégio e por diversas razões: além dos custos supracitados, eram oito os anos de estudo, estudos feitos em latim (mesmo nas conversas informais e nos recreios) e os programas estavam desajustados às preocupações diárias.

Aos quinze anos, com o 5.º ano do colégio, é feito cónego da catedral, com todos os direitos e obrigações dos demais membros do cabido, apenas dispensado, pela sua condição de colegial, de determinados deveres.

Concluiu os seus estudos colegiais em 1669, com a classificação máxima «summa cum laude», licenciando-se em filosofia menor o que equivalia ao título de «mestre em artes».

Foram oito anos de intenso trabalho intelectual, em contínuo contacto com os autores clássicos, que lhe serviram para modelar a inteligência, desenvolver a capacidade de memorização, encontrar métodos de argumentação, robustecer a sua vontade e construir a sua personalidade. É com este arca-boiço humano, referendado pelos resultados obtidos com brilhantismo, com a herança da formação familiar, com a seriedade de mestre, com a responsabilidade de membro do cabido, com a dignidade da nobreza materna, que parte para Paris, deixando a sua terra natal, ao encontro da Universidade onde estudará teologia. Prefere a qualidade da Sorbone, para garantir uma melhor formação teológica em ordem ao ministério futuro. Hospeda-se no seminário de S. Suplício, estabelecimento destinado à formação espiritual, científica e literária dos candidatos ao sacerdócio e, situado relativamente perto da Universidade. O caminho que vai ter de percorrer diariamente, permitir-lhe-á contactar com outros estudantes, nacionais e estrangeiros, clérigos e artesãos, mesteirais e aprendizes, comerciantes e vendedores ambulantes e observar a vida dos mais pobres e marginalizados.

Na paróquia inicia a sua actividade como catequista o que lhe permite um contacto com as crianças sobretudo e, mais uma vez, com as mais carenciadas.

São momentos fortes de experiência humana, é a desco-

berta do submundo dos marginalizados, a classe verdadeiramente popular, os filhos dos artesãos — enfim os pobres — e poder-se-á mesmo dizer que é nesta encruzilhada da existência, que surge uma chamada subterrânea à sua vocação mais explícita e que anteriormente, quer pelas suas relações familiares quer pelos estudos feitos no colégio, não lhe havia sido permitido descobrir.

Era o contraste com o mundo dos nobres, eclesiásticos, burgueses, financeiros e magistrados em oposição aos trabalhadores, lacaios e criados, esse grupo de gente baixa a que o nosso Fernão Lopes, no Séc. XV, chamava de arraia miúda, e que, constituíam, sem falar dos mendigos, mais de três quartos da população de Paris.

Estas vivências e a normalidade dos seus estudos vão ser interrompidos pela morte de seus progenitores: primeiro a mãe e logo depois o pai. Como filho mais velho, apenas com 21 anos é nomeado tutor de seus irmãos menores, o que o leva a regressar a casa e aí permanecer por um ano, revelando qualidades de exímio administrador, metódico e organizado.

Regressado à universidade continua os estudos, defende o bacharelato, inicia os trabalhos de licenciatura, recebe ordens sacras e é ordenado presbítero.

Doutor, bem colocado, sem outras preocupações ou compromissos que não sejam o cabido, a sua missão sacerdotal ou a já fácil tutela dos seus irmãos, pergunta-se: — Que fazer no futuro?

À sua frente o panorama da cátedra, da investigação, dos livros? Dedicar-se à teologia, à formação de clérigos num seminário? Seguir o trabalho paroquial? São diferentes perspectivas para um trabalho a iniciar. Porém, entende que uma necessidade urgente para os homens daquele tempo era a educação cristã e gratuita dos filhos dos artesãos e dos pobres. Para melhor compreensão desta sua decisão, talvez aqui seja oportuno traçar uma panorâmica sobre o ensino e sobre a sociedade da época.

Quanto ao ensino, a nível do primário, as escolas repar-tiram-se em 4 grupos:

Escolas menores que recebiam os alunos desde os 6 aos 9

anos de idade. O ensino nestas escolas era pago, admitindo-se apenas excepções a um pequeno número, desde que fosse comprovada a indigência dos pais. Aqui aprendiam a ler e escrever, primeiro em latim e só depois, se houvesse tempo, em língua vernácula; raramente saíam a saber cálculo.

Escolas de caridade era outra possibilidade que existia só nas cidades, e o seu funcionamento estava dependente da conjuntura económica da autarquia, da paróquia ou do legado de algum benfeitor generoso. Eram gratuitas, mas poucas. Em Reims, em 1661 não existia nenhuma.

Escolas de caligrafia, embora não se possa dizer, com propriedade que fosse ensino primário, também não se afirma ou considera ensino secundário ou colegial. Os alunos estavam aí até aos doze anos e aprendiam escrita, ortografia, aritmética e a arte de escrevão de livros comerciais, uma espécie de guarda-livros.

Finalmente as escolas dos *meninos do coro* que funcionavam nos asilos e hospitais, em favor dos albergados, sempre de poucos alunos e em regime muito especial.

Nenhum dos que frequentavam estas escolas pensavam em ingressar no escalão imediato — o colégio.

Este era o panorama a nível do ensino primário.

A nível do secundário, existiam os colégios, dependentes das universidades ou de algumas ordens religiosas como os oratorianos e os jesuítas.

O ensino neste escalão distribuía-se por oito anos.

Nos 1.º e 2.º anos — dos pueri/meninos — estudavam-se as regras da gramática latina, com base nas fábulas de Terêncio, as cartas de Cícero e as Bucólicas de Vergílio;

Nos 3.º e 4.º anos — dos proveci/os antigos — comentava-se Salústio, o «De Officiis» de Cícero e outros textos de Vergílio e Ovídio e iniciava-se o estudo da Gramática Grega;

Nos 5.º e 6.º anos — dos maiores — também chamado o 5.º de humanidades e o 6.º de retórica, estudavam-se textos latinos seleccionados, os mais difíceis (de Horácio, Juvenal e Plauto) e dedicava-se enorme esforço ao grego com o estudo de Homero, Teócrito, Platão, Demóstenes e Píndaro;

Nos 7.º e 8.º anos era o final do curso com os estudos filosóficos: lógica e ética, a física e metafísica aristotélicas.

Era um estudo de formação incompleta. Daqui saía o humanista com domínio perfeito do grego e do latim, mas analfabeto em literatura e língua maternas, em história, geografia, cálculo comercial, ou em outros domínios considerados importantes. Este era o panorama escolar. À partida os mais pobres estavam excluídos do ensino secundário e universitário, se não quisermos incluir também o primário. Estes, os pobres, eram considerados a escória da sociedade e eram muitos em consequência dos sobressaltos porque tinha passado a França. Desde o assassinio de Henrique IV, motivado pela insatisfação de todos, perante os actos tirânicos do rei, o aumento desenfreado dos impostos e o estômago vazio do povo, passando pela regência de Maria de Médicis e primeiros anos de Luís XIII assistiu-se ao crescimento da desordem nas finanças, à tomada de armas pelos grandes e protestantes e a uma política, em relação à Europa, em tudo decepcionante. Não fora a imagem criada pelos escritores políticos, partilhada por Richelieu, sobre a personagem real considerada como a imagem viva da divindade — o Teocra- cismo — e novos monarcómacos teriam aparecido e mais rebeliões rebentado. Por sua vez a guerra dos 30 anos que deixou traços múltiplos sobre as sociedades francesa e europeia traz consigo um acumular de ruínas materiais e morais, espalhando pelo reino uma quantidade infinda de errantes, de pessoas expulsas de suas casas pelos exércitos, de soldados feridos ou desertores, enfim de descontentamento geral, de desemprego generalizado, de mendicidade agressiva, de desordem política que desemboca na Ronda, guerra civil, que, na viragem do meio século paralizou a França e semeou ruínas.

No 3.º quartel do século, Luís XIV governa possuído do afã da hegemonia e poder absoluto. Porém a hegemonia tem que passar mais uma vez pelos caminhos da guerra em diferentes palcos de operações. E a guerra mais que mortífera no campo de batalha é-o nas suas consequências. Mais uma vez, os camponeses desgarrados pela passagem dos exér-

citados, engajam-se ou acompanham as tropas, abandonando as terras. Os exércitos, por sua vez, arrastam atrás de si criados, negociantes, mulheres e crianças, transmitem epidemias e contribuem para o retrocesso dos costumes. O soldado saqueia mais que habitualmente e verificam-se as pilhagens das reservas, a insegurança dos que ficam, o saque das casas abandonadas e as lavouras destruídas. Os combates põem em fuga as populações indefesas e estas não regressam a tempo das sementeiras e as terras, até aí cultivadas, tornam-se maninhas. A guerra traz consigo a fome, a debilidade física e moral, as epidemias e morte. A servidão propaga-se, as escolas esvaziam-se, o analfabetismo aumenta, a embriaguez faz progressos, a miséria cresce e os pobres são cada vez mais pobres.

É este o quadro social que vai ter papel preponderante na decisão de La Salle. Acrescentemos a este quadro, que os camponeses geralmente famélicos constituíam 85% da população e a eles se juntavam as restantes pessoas do povo, trabalhadores, homens de braços, mendigos válidos, vagabundos e indigentes e então o quadro é aterrador.

A decisão foi tomada: A educação dos filhos dos artesãos e dos pobres. Isto se constata na sua afirmação exarada no art.º 4 do Cap. I da Regra Comum dos Irmãos: «Este Instituto é de enorme necessidade, porque estanto os artesãos e os pobres, ordinariamente pouco instruídos e ocupados todo o dia em ganhar o sustento seu e dos filhos, não podem dar-lhes por si mesmos a instrução que necessitam e uma educação honrada e cristã.»

De outros procurou aprender lições, a muitos procurou ouvir ou ler, muito reflectiu, observou e, posteriormente, decidiu encontrar-se com alguns mestres em sua casa, a quem expôs as suas ideias e ali mesmo nasce a primeira comunidade.

De La Salle só quer estimular, impulsionar, melhorar algo que nasceu das suas mãos e não dá conta que vai assumindo a figura carismática do líder. No grupo quer ser mais um, no trato com os outros quer aprender e ensinar. Ensina sobretudo a cortesia, a paciência, o exemplo da linguagem, o zelo pelos outros sobretudo os mais carenciados e margi-

nalizados. Porém, em cada dia que passa, se vê mais encaixado no sistema que ele próprio criara.

Esta primeira experiência comunitária não foi nada fácil. Por um lado a família via com maus olhos o que se estava a passar na antiga casa do Sr. de La Salle; por outro alguns mestres, que mais que o serviço educativo procuravam o seu ganha pão, criaram problemas, acusaram o golpe e retiraram-se. Em cada dia o grão de trigo morria para no dia seguinte nascer a planta.

Perante as dificuldades, é preciso não desanimar e então assume-se como fundador — tem que tomar decisões de governante. Tem que dotar a sua comunidade de uma mística própria e adequada, impulsionadora de vida e actividade. Reune então os seus mestres em assembleia, em Setembro de 1684, explica-lhes o seu projecto, e dialogando, estabelecem-se normas de conduta até ao mais pequeno pormenor, para arrancar com nova dinâmica, logo naquele Outubro. Assumem-se como pessoas chamadas por Deus em favor dos pobres, no serviço concreto da educação cristã e da instrução, de modo a fazer de cada educando um cristão maduro.

Desde aqui a comunidade quis ser baptizada — os mestres passavam a chamar-se mutuamente de irmãos e a comunidade adoptava o nome de IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS.

De La Salle é o fundador, é o cérebro de tal estilo de vida e os irmãos são testemunhas do seu desprendimento, da sua obediência, humildade e fé. Homem bom, falava pouco e recolhia-se muito para no silêncio encontrar a resposta aos problemas, modesto, circunspecto em toda a sua conduta, tranquilo e aprazível, a todos arrastava pelo exemplo da sua generosidade.

Durante a vida dá corpo ao Instituto que ele criara, instituto religioso, de pessoas consagradas, que adoptam hábito mas são leigos, que emitem votos religiosos mas renunciam ao sacerdócio para se dedicarem exclusivamente à educação integral da infância e da juventude, e que em suas aulas — embora abertas a todos — preferem os filhos dos pobres. O ensino será rigorosamente gratuito e esta medida é indispensável para alcançar a classe pobre que é a sua preferida.

Em sua vida surgem primeiro as escolas primárias e logo de seguida, as profissionais, escolas dominicais para trabalhadores jovens, escolas do magistério — as primeiras do género — destinadas à preparação científica e pedagógica dos futuros mestres, cria um reformatório, um centro de educação especial para presos e ainda, a nível do secundário, um internato para jovens.

Em todas estas escolas de ensino diferenciados, imprimiu o seu cunho pessoal, introduziu as novidades pedagógicas de que tem notícia e outras que lhe dita a sua própria experiência, implementou, em oposição ao ensino individual, pela primeira vez o ensino simultâneo em classes homogêneas, dinamizou a aprendizagem da leitura e língua maternas em substituição do latim, fomentou de uma forma extraordinário a escola activa com a participação dos alunos em diferentes funções, criou as célebres fichas pessoais de observação e conhecimento dos alunos, enfim um selo novo de modernidade e adaptação.

Escreveu várias obras de carácter pedagógico e espiritual, em ordem a uma correcta orientação da acção educativa cristã, das quais destacamos: «Guia das Escolas» — tratado pedagógico verdadeiramente revolucionário para a época e «Meditações» — tratado de profunda espiritualidade.

Uma vida de preocupação com a formação integral da juventude pobre, tendo sempre presente os valores cristãos do evangelho.

Mas não pensemos que tudo foi fácil, que tudo correu de vento em popa como soi dizer-se. Tudo foi difícil: perseguições, calúnias, oposição sistemática de dentro e de fora do Instituto, da hierarquia, dos tribunais, foram uma constante. Problemas de hábito, de governo, de votos, de regras, abandono de alguns irmãos, morte prematura de outros, complôt de uns tantos contra o fundador, escolas fracassadas, irmãos expulsos pelos poderes públicos ou pelas populações, ataques de mestres das escolas de calígrafos que viam fugir-lhes a clientela, ataques dos jansenistas, punham todos os dias a sua capacidade de resistência à prova. Perseverou até ao fim, combateu o bom combate, e cada problema era a tesoura do

podador para fazer crescer mais a árvore, era o antibiótico para purificar.

Ao morrer, em 1719, os irmãos já eram provavelmente 130, espalhados por 27 comunidades, implantadas na sua maioria em França e poucos em Itália, com cerca de 8.500 alunos. Ao ultrapassar o primeiro século de existência, o Instituto já contava com 880 irmãos, 125 comunidades, tendo ao seu cuidado 36.000 alunos. Não foi, porém, um crescimento feito em progressão, pois as dificuldades depois da sua morte continuaram quer a nível interno, quer a nível externo, nomeadamente no campo político-social e religioso. Neste o movimento jansenista arremeteu como cão raivoso, por considerar as escolas como o melhor baluarte da ortodoxia e da fidelidade à sã doutrina. Naquele, político-social, as doutrinas nascidas no seio burguês, veiculadas pelos corifeus do enciclopedismo, contagiaram os estratos mais baixos do 3.º estado e transformaram-se em ideologia contra as escolas cristãs, porque cristãs e — curiosamente — porque escolas.

Detenhamo-nos em duas afirmações de Voltaire, para aquilatarmos das suas consequências: «É necessário que haja ignorantes ... não há que instruir os artesãos, mas sim os burgueses». Esta outra: «O povo tem que ser guiado, não instruído». Conseguiram a suspensão das actividades dos Jesuitas e esgrimiram todas as armas para a supressão dos irmãos de La Salle.

Infelizmente, o embate maior estava para chegar. Estamos no limiar da Revolução Francesa — 1789. Os factos sucedem-se em catadupa e são sobejamente conhecidos de todos. Em Junho formou-se a Assembleia Nacional Constituinte que dotará a França de uma nova Constituição; em 14 de Julho dá-se o assalto à Bastilha, símbolo das arbitrariedades e da opressão do antigo regime; em Agosto, 4 e 26 respectivamente, verificam-se a abolição dos privilégios feudais e é proclamada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Os enciclopedistas, burgueses e jacobinos, conseguem a revolta desse povo de artesãos, camponeses, assalariados, criados e rendeiros contra a aristocracia e o clero. Chega-se enfim a esse período de extremismo, característico de todas

as revoluções, em que a destruição, o ódio e a morte tomam foros de cidadania. Um Instituto religioso de ensino, como os Irmãos das Escolas Cristãs, forçosamente estava incluído entre as obras a eliminar e os irmãos no número das cabeças a rolar.

No horizonte vislumbra-se um futuro sombrio e ameaçador, com a nomeação de administradores oficiais para as escolas, com a supressão de donativos, com a dissolução das ordens e congregações religiosas, com a concessão de uma pensão aos religiosos que abandonassem os seus conventos. Avizinha-se o vendaval. Com a promulgação da Constituição Civil do Clero (12-7-1790), um ano depois da tomada da Bastilha, a situação agrava-se, pois os irmãos, por imperativo da sua consciência, embora isso pudesse pôr em perigo o seu trabalho e subsistência, não podiam prestar o juramento.

Para os mais pessimistas é o fim — a dissolução definitiva do Instituto. Para os mais optimistas há que a todos exortar até à generosidade heroica.

As escolas começam a fechar, o ensino é proibido, a subsistência é negada, a vida está em perigo. Em 1792, em 6 de Abril, a Assembleia Nacional vota o decreto pelo qual são extintas e suprimidas as corporações conhecidas com o nome de congregação laicas, e como tal o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Em Agosto do mesmo ano, por outro decreto, eram encerradas já não as escolas, mas todas as casas e os imóveis eram postos à venda.

A tristeza pairava no semblante de todos. Em 1803, das 125 comunidades existentes antes da revolução eram apenas 8 (menos 117); dos 880 irmãos restavam 30 (menos 850); e dos 36.000 alunos apenas 1.600 (menos 34.400).

Dos irmãos, o grupo menos perseverante e mais pessimista, abandona o Instituto e parte rumo a outras paragens. Dos menos pessimistas uns encontram a tortura, a deportação ou mesmo a morte, enquanto outros escolhem voluntariamente o exílio ou são forçados a ele. Um pequeno número, deixa a comunidade, o hábito e inicia outras actividades, em ocupações para as quais se sentem aptos, aguardando o porvir, a hora da bonança.

Napoleão, apoiado por uns, vilipendiado por outros, ainda como cônsul trava o ímpeto revolucionário e num gesto de confiança aprova o decreto que restaurava os lassalianos em França. Ele mesmo ao tomar conhecimento dos trabalhos realizados nas escolas, antes da revolução, havia de afirmar: «não entendo esse fanatismo que alguns manifestam contra as Escolas dos Irmãos». Ao verificar o clamor do povo que pede instrução e aspira à educação e à paz, exclama: «basta esse clamor unânime do povo para demonstrar a sua utilidade.»

O Instituto que apenas estava activo em Itália, com poucas casas e irmãos, encontrava-se, em França, não morto mas adormecido. Há que reorganizar. Trabalho árduo, difícil, por vezes arriscado, mas não impossível. A experiência dolorosa dos últimos anos exige muita prudência e medidas adequadas.

Primeiramente há que restabelecer a vida interna com a vivência e espiritualidade próprias, e depois a luta pela autonomia das escolas, conservando sempre a independência e o seu carácter específico.

A aprovação de novos estatutos são exigências de uma fase imediata.

O Instituto renasce, qual fénix das cinzas, e na última década do séc. XIX, já estava implantado em 16 países da Europa, 8 da América, 7 da África e 11 na Ásia/Oceania. Enfim, espalhado por todo o mundo, qual árvore frondosa com 1569 comunidades, 15.457 irmãos e 321.000 alunos.

Novos reveses surgiriam, um pouco por toda a parte, e mais uma vez, é em França que o Instituto se vê mais seriamente ameaçado. Desde o início da 3.^a República que estavam em gestação medidas ameaçadoras que vão culminar em 1901, com a política anti-religiosa que inspirou as autoridades a promulgarem leis sobre as associações, em virtude das quais as congregações religiosas são privadas do direito de ensino. Este sectarismo é continuado pelo ministro Emílio Combes que expulsa do país as congregações religiosas, corta relações com a Santa Sé e confirma a lei da separação da Igreja e do Estado.

Tudo isto era uma machadada no Instituto e seus projectos e, para que esta fosse mais cerce, são promulgadas medidas que impedem que os legados deixados às escolas atingissem os seus fins. É que os êxitos pedagógicos e religiosos destas escolas provocavam uma fúria iconoclasta ao ponto de alguns artífices e mentores adrede preparados, protagonizarem a extinção de todo o ensino particular de características cristãs.

Chegava de novo a hora da dispersão, mas já era impossível travar a marcha do crescimento. A esperança encontra-se agora nas sementes depositadas noutros países, o que não acontecera um século antes, e de modo especial em Espanha. Se as dificuldades continuam até à 1.^a Guerra Mundial, no pós guerra é a mudança, não apenas no plano político, económico, estratégico e militar, mas também no científico e cultural. O Instituto reinicia, de um modo surpreendente, a sua ascensão.

É nesta fase que surgem pela primeira vez em Portugal os Irmãos das Escolas Cristãs. Primeiro em Braga, em 1933, com a Casa dos Órfãos de S. Caetano; depois, em 1951, a Oficina de S. José no Porto; em 1952, como atrás referimos, a casa de Barcelinhos; em 1953, Leiria e em 1959, o Colégio de Abrantes.

Em 1966, o Instituto a nível mundial, atingia a maior pujança de todos os tempos, com 1550 comunidades espalhadas por todo o mundo, 18.824 irmãos, oriundos de todos os continentes e 737.000 alunos de quase todas as nacionalidades. Portugueses eram 20 os irmãos, (13 dedicavam-se ao ensino, 4 eram noviços e 3 escolásticos), 1 postulante e 36 aspirantes.

Nestes altos e baixos, através de três séculos de existência, apesar dos contratempos e desaires, de vitórias e derrotas, das alegrias e tristezas, nunca faltou ao Instituto, com muitos ou poucos efectivos, com maior ou menor liberdade, a vontade indómita de vencer, de fazer mais e melhor, nunca faltou a serenidade para que se realizassem os capítulos gerais que tem como objectivo perpetuar a fidelidade ao carisma próprio da obra no entendimento do fundador. Nunca faltou

a serenidade para se processarem as reformas e tomarem as medidas julgadas úteis, necessárias ou oportunas, a fim de que a acção pedagógica fosse proveitosa e a preparação pastoral, catequética e científica dos seus efectivos tornassem possível não apenas o crescimento quantitativo mas sobretudo o qualitativo, tendo sempre em vista a salvaguarda dos seus princípios específicos e do seu carácter próprio, nomeadamente quanto à instrução e educação dos filhos dos trabalhadores e dos pobres.

Sempre que necessário procedeu-se ao aperfeiçoamento, revisão e adaptação das regras, constituições ou regulamentos, de modo a uma actualização permanente de acordo com as tradições humanas e cristãs e o zelo ardente de instruir e educar a juventude.

Atendendo ao avanço das ciências pedagógicas, procedeu-se à reformulação das fichas pessoais a fim de que permitissem um perfeito conhecimento do aluno, quer no tocante a carácter, a saúde, conduta, aproveitamento, problemas familiares, dificuldades, fichas essas que aliadas a um trabalho aturado e consciente, a novas estratégias e a uma pedagogia activa, permitissem resultados cada vez mais positivos.

Objecto de preocupação constante foi, e continua a ser, que os alunos não tenham apenas conhecimentos livrescos, desfazados das realidades, mas sim, criar neles hábitos de pensar de modo a capacitá-los para que nunca sejam manipulados por agitadores. A atenção aos alunos que dificilmente se adaptam a um sistema escolar normal, a introdução de novas disciplinas, o aumento da carga horária, verificaram-se sempre que necessário de modo a que as escolas não ensinassem apenas a ler e a escrever, mas atendendo ao porvir, preparassem homens dispostos a enfrentarem a vida, com a aprendizagem das ciências exactas e comerciais, da literatura e idioma maternos, do desenho, geografia, história, ofícios, cortesia e tudo o mais que significasse cultura geral e normas de conduta humana. As escolas caracterizavam-se, e devem continuar a caracterizar-se, pela qualidade de ensino, pela seriedade de formação, pela preocupação em avaliar os objectivos, em renovar os programas e métodos segundo as neces-

sidades de cada tempo e o progresso das ciências humanas.

Porém, soara na ampulheta do tempo a hora do Concílio, marco importante na história do mundo e da Igreja, permitindo a um Instituto de características formativas à base de princípios cristãos, um balanço do passado e permissas para o futuro. Disso é testemunho inequívoco o Capítulo Geral, de 1966 — a mais alta expressão da comunhão dos irmãos no Instituto — o primeiro depois do Concílio, considerado como o mais revolucionário, mas também um dos mais importantes de toda a vida do Instituto pela soberania e arrojo das suas decisões.

Dos 8 documentos aí produzidos sobressai a «Declaração Sobre os Irmãos das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje» que bem pode ser considerado como um documento simultaneamente pragmático e ideológico. Resumindo as decisões aí contidas podemos encaixá-las em 5 vectores diferentes, mas convergentes:

1.º — A fidelidade ao fundador, mas iluminada e dinâmica, o que consagra o pluralismo de situações.

2.º — A responsabilização do irmão pelos seus actos, o que define a liberdade na responsabilidade.

3.º — A consagração do espírito comunitário para a renovação do Instituto, privilegiando-se o diálogo como construtor de uma maior fraternidade.

4.º — A renovação da escola a nível mundial, dando-lhe uma maior autenticidade, centrada na pessoa humana e nos valores cristãos da convivência.

5.º — O regresso com renovada generosidade à preferência pelos pobres e se já não se pode falar em gratuidade em sentido económico, seja-o ao menos em sentido espiritual.

Este capítulo-geral, sacudiu o Instituto, não impondo mas propondo — com muita coragem e determinação — a pessoa humana, o diálogo e o seu valor, o espírito comunitário, a liberdade e responsabilidade, os valores cristãos, o pluralismo e a atenção pelos pobres.

* * *

Em Portugal, a seguir à revolução de 25 Abril, os irmãos foram forçados a abandonar duas das quatro casas (O Colégio de Abrantes e a Oficina de S. José, no Porto) ficando o Instituto privado de dois estabelecimentos importantes na linha da pedagogia e apostolado lassalista, quer para a formação académica, quer profissional da Juventude. Por outro lado a casa de Barcelinhos encerrava as suas portas ao aspirantado, por razões que não importa aqui evocar, ficando desativada, enquanto um bom número de irmãos desta zona foram abandonando a instituição, ficando reduzidos ao mínimo. Hoje são apenas três os irmãos portugueses.

Era pois necessário criar um espaço, uma instituição escolar específica, representativa da vocação e trabalho lassalista, que fosse simultaneamente ponto de referência e campo de acção, para o relançamento de um projecto vocacional sólido e eficaz, de modo a assegurar o futuro.

Assim nascia, em 1980 o Colégio de La Salle, tal como hoje o temos, estabelecimento de ensino destinado preferencialmente às camadas mais desprotegidas e necessitadas, o que à partida impunha se assegurasse a gratuitidade, implicando ser totalmente subsidiado pelo Estado, mediante um contracto de associação, o que foi conseguido desde o princípio e se tem conservado nos anos subsequentes.

Passaram cinco anos e em 1986 saíram os primeiros alunos desta casa, com o 9.º ano concluído, 36 ao todo, sendo 22 daqueles que no primeiro Outubro de 80, faziam parte dos 60 que entraram receosos, apreensivos e algo calculistas. O tempo é demasiado curto para que possamos fazer um balanço desta nova actividade da Casa de Barcelinhos — Colégio de La Salle. Não deixaria porém de ser interessante auscultar a opinião dos alunos, quer os que já saíram, quer os que o frequentam, sobre três perspectivas diferentes: Didáctico-pedagógico, relações humanas e formação religiosa. Não deixaria de ser significativo o que pensam desta nova escola que pretende ser uma escola nova.

* * *

Pretende-se nesta hora em que se fala em crise da Escola, que esta se defina como lugar destinado à formação integral do homem e não à simples instrução ou aquisição de hábitos intelectuais, em que predomina uma certa forma de racionalidade, a da razão instrumental ao serviço das eficácias sociais e pragmáticas, em que se dá maior atenção ao tratamento dos códigos significantes do que às mensagens e à sua verdade.

Pretende-se dentro de uma sociedade pluralista que a Escola não deprecie os conhecimentos humanísticos, destacando preferencialmente os aspectos quantitativos da vida, em que o cultural se degrada em produto manipulado ao serviço de ideologias fechadas; pretende-se que a Escola e *esta escola* não renuncie à sua função educativa mediante a assimilação sistemática e crítica do universo cultural.

Dentro de uma sociedade em que necessitamos mais do que de produtos, de entusiasmo cheio de esperança no futuro, de confiança para agir e sobretudo para «ser», os factos, conhecimentos, valores, sentido da vida humana, possibilidades éticas, formas de interpretação criadora da realidade, capacidades de auto-identificação, discernimento e distanciamento crítico, são objectivos a que nenhuma instituição escolar pode renunciar e a que muito menos o Colégio de La Salle pode alhear-se.

Falar da escola ideal, apontar as suas características e dinamismo é sempre interpelar os educadores. A escola nunca será o que deve ser se aqueles que nela assumem responsabilidades não se encontram conscientes das suas funções e capacitados para o seu desempenho. Os professores, mais que profissionais que se limitam a transmitir uma série de conhecimentos sistemáticos, têm que se assumir como educadores e formadores de homens.

Mas nós os professores e o Colégio de La Salle tem consciência que são os pais os primeiros e principais educadores dos próprios filhos e que este direito-dever é primário em relação a outros deveres. O colégio e os professores têm consciência que são colaboradores dos pais na tarefa educativa, competindo-nos cultivar as faculdades intelectuais, cria-

tivas e estéticas dos alunos, desenvolver neles a sua capacidade de julgar, a sua vontade e afectividade, promover o sentido de valores, favorecer as justas atitudes e comportamentos, preparar para a vida, alimentar relações de amizade entre os alunos das diferentes castas sociais e condições económicas.

Senhoras e Senhores — a tarefa educativa é árdua, muito importante e a sua realização delicada e complexa. Exige calma, paz de espírito, condições de trabalho, moderação na actividade e um contínuo enriquecimento. O êxito deste colégio em realizar os seus projectos e alcançar os seus objectivos, não depende porém só dos professores ou dos alunos, mas da interligação de esforços, destes, da comunidade lassalista, dos subsídios do Estado, e, de um modo muito especial, do empenhamento e clarividência dos pais e encarregados de educação, individualmente e em associação.

Mais do que nunca, nesta conjectura de falta de identidade e de rápidas mutações da sociedade, todos sem excepção se devem sentir comprometidos.

Disse.

Barcelinhos, 24 de Outubro de 1986.

Sebastião Matos

Encerramento da Sessão Solene

Para encerramento e depois de actuar o Coral de Barcelos, cuja nota biográfica se pode ler abaixo, falaram, de improviso, o Director do Colégio, Ir. Júlio e o Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara de Barcelos, cujas palavras aqui ficam registadas.

CORAL DE BARCELOS

«Composto por elementos masculinos, iniciou a sua actividade em 1970 sob a direcção artística do Rev.º Padre José Fernandes da Silva. Primitivamente contou com 72 elementos no grupo, estando no seu activo cerca de 50 homens.

Mercê de uma orientação eficaz, tem levado através do País e Estrangeiro, apesar de coro amador, o que de melhor existe na arte coral.

O *Coral de Barcelos*, sempre presente nos Encontros de Coros do Norte de Portugal, tem promovido inúmeros espectáculos na cidade e concelho. Participa regularmente nas Festas e Cerimónias Oficiais da cidade. Entre as suas deslocações salienta-se: Évora, Coimbra, Pontevedra, Viana do Castelo, Bragança, etc. Foi convidado de honra no auditório da Escola Piloto (Conservatório) de Braga, e apresentou-se na recepção dos coros: D. Pedro de Cristo, Académico de Coimbra, Audite Nova, Universidade de Lourenço Marques, Terra a Nossa, etc.

O *Coral de Barcelos* está sempre pronto, e já o fez por diversas vezes, a colaborar em espectáculos de beneficência.

Contém no seu programa as mais diversas peças corais, levando

aos amigos da Divina Arte, e divulgando-a em todos os aspectos, sempre guiado pelo belo pensamento de Lizet: “A música é a respiração da minha alma, e, ao mesmo tempo, a minha oração e o meu trabalho”.

Actualmente, é seu Director Artístico, desde 1979, Cândido Faria. (...)»

AMIGOS:

Aceito esta homenagem em nome dos Irmãos de La Salle. Ficamos gratos e reconhecidos. Todas estas manifestações carinhosas comprometem-nos para trabalhar ainda com mais ilusão e entrega.

São tantas as provas de afecto recebidas que até parece-me uma homenagem não merecida, fruto da generosidade de um povo que aprecia a amizade e a disponibilidade.

A freguesia de Barcelinhos merece da nossa parte toda a gratidão que somos capazes de manifestar. Igualmente às autoridades que nos honram com a sua adesão o nosso muito obrigado. Obrigado ao Sr. Professor Jardim, vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Barcelos pelas palavras de alento e reconhecimento. Obrigado também à Misericórdia de Barcelos tão dignamente representada. Ao Dr. Sebastião Matos felicito pela exposição histórica de três séculos da vida da Congregação, tão sabiamente compendiada e com tanta precisão relatada. Muito obrigado ao Grupo Coral de Barcelos pela delicada interpretação e pela fina sensibilidade manifestada.

Finalmente o nosso muito obrigado a todos os que participais nesta homenagem que com tanto carinho nos ofereceis através da Comissão Organizadora.

Ir. Júlio — Director do Colégio de La Salle

VEREADOR DO PELOURO DA CULTURA

Após a brilhante intervenção do conferencista desta noite — Dr. Sebastião Matos — vamos sair desta sala um pouco mais ricos, na medida em que ficamos a conhecer em pormenor a história e o percurso, por vezes difícil de fazer, dos Irmãos das Escolas Cristãs, aqui homenageados, com toda a justiça, pela Assembleia e Junta de Freguesia e ainda pela Comissão Fabriqueira.

Homenagem à qual outras instituições que também servem a comunidade Barcelense se quiseram associar. Refiro-me aos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos e Grupos Corais de Barcelos e Matriz.

Proteger os mais desfavorecidos, dar educação e ensino, ocupar o tempo livre dos jovens, desviá-los de vícios que proliferam na sociedade, promover o desenvolvimento e criação cultural tem sido objectivos a atingir pelos Irmãos de La Salle — razões mais que suficientes para esta homenagem.

Recordo ainda o contributo que têm dado concretamente através do Colégio de Barcelinhos, para a supressão das lacunas existentes na rede escolar do nosso concelho. Por isso é necessário que o Ministério da Educação não ignore agora o papel importante desenvolvido anteriormente por esta instituição.

Por estas razões e por outras, o concelho de Barcelos está agradecido à Congregação dos Irmãos La Salle.

Como Vereador do Pelouro da Educação e Cultura, e para terminar, também não posso deixar de me referir à grande manifestação cultural que Barcelinhos promoveu integrada nestas comemorações.

Parabéns a todos.

Termino deixando aqui o meu simples, mas sincero pensamento — Justa Homenagem.

António Jardim

Tarde Recreativa no Colégio La Salle

No sábado, dando cumprimento ao programa, houve uma tarde de *desporto e música*, com descerramento de uma *lápide* comemorativa, no frontespício do Colégio, por um grupo de crianças onde se lê: «Aos Irmãos de La Salle homenagem de louvor e gratidão da paróquia de Barcelinhos, 25-10-86».

O Presidente da Assembleia de Freguesia saudou os Irmãos e enalteceu a obra que entre os barcelinenses realizam em prol da juventude.

Seguiu-se nas galerias do Colégio uma *merenda* servida a várias centenas de crianças e jovens.

SARAU ARTÍSTICO

A paróquia de Barcelinhos através das suas forças vivas: Religiosas, Civis, Culturais e Recreativas idealizou e programou Solenes Comemorações festivas de Homenagem aos Irmãos de La Salle que aqui vivem há 34 anos. É seu objectivo fundamental dar público testemunho da simpatia e gratidão que lhes consagra.

Porque se trata dos queridos Irmãos de La Salle e honrando seus próprios brios, a Comissão Promotora procurou o que de melhor havia no meio e na Região para que os diversos números do programa concorressem a seu modo para o brilhantismo das celebrações, com agrado e proveito de quantos nelas houvessem de participar.

O *Espectáculo Cultural* desta noite está a criar uma enorme expectativa, tanto pela áurea de glória que envolve o Conjunto Instrumental na sua globalidade como pela distinção e competência das personalidades que o constituem. Personalidades distintas pela sua origem, distintas pela profissão que exercem e pela perfeição que atingiram, distintas pela gentileza, pela fidalguia e compreensão com que receberam o nosso convite.

Os que usufruíram já a felicidade e o prazer espiritual de um dia se deliciarem em seus maviosos acordes não se cansam de o repetir e buscam ansiosos novas oportunidades de audição. Por isso, aqui está, hoje, uma assembleia sequiosa de beleza e de arte. Da beleza e da arte que está em nós, que está nas coisas e que tantas vezes temos dificuldade em descobrir e recriar. O Conjunto Instrumental, «*Sollemnium Conventus*» vai ser varinha mágica a desbravar a nossa sensibilidade adormecida, a acordar-nos para o mundo do sublime através «de um género de músicas até agora desconhecido entre nós e que se caracteriza pela solenidade, imponência e brilho sonoros».

O Conjunto Instrumental «*Sollemnium Conventus*» da cidade do Porto, adstrito à Sé Catedral, vai fazer desta noite uma noite de glória e desta modesta igreja matriz de Barcelinhos uma catedral de sonho e de arte, que ficará para sempre nas páginas da sua história.

Então, lá no mais íntimo de vós mesmos, perguntareis inquietos e ansiosos prelibando o ansiado néctar: Que músicas concretamente vão executar e de que maneira? E eu respondendo-vos de imediato: Não sei. Não estou habilitado a uma resposta capaz. O assunto é de tal magnitude e ultrapassa-me tão radicalmente que eu volto a repetir com toda a humildade: Não sei. Mas acrescento: também eu estou vivamente interessado em saborear o espectáculo. E vós segredareis de novo: Ao menos fale-nos do Maestro, diga-nos algo da sua vida, do seu *curriculum* e, depois, o Maestro falar-nos-á de seus dilectos colaboradores e da própria música ... Estejam sossegados. Tal não vai acontecer. É certo que agora conheço um pouco melhor o terreno. Mas, não é preciso. Um gigante não

carece de apresentação. Vê-se à distância. Identifica-se por si próprio. Enumerar algumas notas individuantes seria reduzir, limitar, seria dar uma visão errada da sua grandeza, com a desvantagem ainda de retardar penosamente o espectáculo ambicionado. E eu não quero cometer essa falta que, aliás, ninguém me perdoaria.

O maestro, Rev. do Cónego Dr. Ferreira dos Santos, sacerdote distinto, aureolado de grandes méritos, é um nome consagrado na arte da música. É um nome no País e além fronteiras. Não precisa de apresentação. E, ainda bem, porque, decididamente, não teria em mim um apresentador condigno.

Assim, com a complacência de Sua Reverência e o aprazimento de todos vós, vamos dar início ao Espectáculo Cultural desta noite com o Conjunto Instrumental «Sollemnium Conventus», do Porto, sob a regência de seu Director — Maestro Rev. Cónego Dr. Ferreira dos Santos.

P.^e Abílio

«SOLLEMNIUM CONVENTUS»

O Grupo de Metais e Tímpanos do Porto «*SOLLEMNIUM CONVENTUS*» é constituído por elementos da Orquestra Sinfónica do Porto.

Surgiu espontaneamente do entusiasmo que a música da Renascença cada vez mais vai despertando no público musicófilo. Nascido à volta da Sé Catedral do Porto, o «Sollemnium Conventus» actua normalmente com o Coro da Sé Catedral do Porto.

Tem realizado vários concertos no Norte do País, apresentando um reportório que inclui obras de Claude Gervaise, Palestrina, Gabrieli Purcell, Schutz, Buxtehude, Corelli, De La Lande, Schen, Albinoni, Vivaldi, Gluck, Mouret, Charpentier, Bach Haendel, Daquin, Chilese, Telemann, Pezel, Lappi, etc.

Tem efectuado gravações para a Televisão.

O agrupamento propõe-se trabalhar um género de música até agora desconhecido entre nós e que se caracteriza pela solenidade,

imponência e brilhos sonoros. Daí o seu nome «Sollemnium Conventus».

É seu Director artístico o Maestro Rev.º Cónego Ferreira dos Santos. Sacerdote da Diocese do Porto, fez os seus primeiros estudos musicais no Conservatório de Música do Porto.

Depois de ter trabalhado Composição Superior na classe do Prof. Filipe Pires, foi para Salzburgo e Munique, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, onde estudou Direcção de coros, composição e órgão com os professores Fritz Schieri, Gunter Bialas e Franz Lenhrndorfer.

Regressado a Portugal em 1970, optou por uma vida musical ao serviço da Igreja e da cultura. Nesse sentido, fundou o Coro da Sé Catedral do Porto de que é Maestro efectivo. É um dos fundadores e o Director Artístico do Conjunto Instrumental «Sollemnium Conventus». Tem fomentado entre nós o concerto espiritual — uma forma de fazer acessível a todas as pessoas o tesouro inigualável da Música Sacra histórica. É mestre Capela da Sé Catedral do Porto, professor do Seminário Maior e membro, para a Música, do Secretariado Nacional de Liturgia. Com o serviço de Música Litúrgica da Diocese do Porto, tem participado em inúmeras iniciativas de índole pedagógica e cultural.

PROGRAMA

1.^a PARTE:

1. TE DEUM E CORAL CHARPENTIER
Quinteto, órgão e tímpanos
2. SUIT: MIT HET ANTWERPSE DANSBOCK
3. TRÊS ENTRADAS PEZEL
4. CORAL «JESUS MINHA ALEGRIA» BACH
Trompete, trombone, órgão
5. ANDANTE BESSONNET
Órgão e trombone
6. TRUMPET TUNE PURCELL
Metais, tímpanos e órgão

2.^a PARTE:

1. BATALHA SCHEIDT
2. SONATA N.º 14 PEZEL
3. SUITE TELEMANN
La majesté
La grace
La vaillance
Órgão, trompete, trombone
4. MARCHA (DE ALCESTE) GLUCK
Órgão e Metais
5. MARCHA K. PH. E. BACH
6. VOLUNTARY STANLEY

TROMPETES:

José Macedo
Francisco Silva

TROMBONES:

Fernando Baptista
José Borges

TUBA:

Agostinho Fonseca

TÍMPANOS:

Luís Macedo

ÓRGÃO:

Eugénio Amorim

* * *

A terminar, de novo usou da palavra o Reitor de Barcelinhos para sublinhar a elevação com que o espectáculo decorreu, para enaltecer o superior contributo que o «Grupo de Metais e Tímpanos do Porto», deu à Festa de Homenagem aos Irmãos de La Salle e congratular-se com a Assembleia, que enchia totalmente a igreja, pelos momentos sublimes de arte e espiritualidade que a todos foi dado viver.

Eucaristia

NOTA EXPLICATIVA

Do programa destas comemorações festivas, de Homenagem aos Irmãos de La Salle, consta que esta Missa Solene seria celebrada por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz que desde o início se solidarizou connosco e manifestou vontade de estar presente.

Porém, a Visita Pastoral aos Emigrantes, no Luxemburgo, onde esteve durante esta semana, sofreu alterações de última hora que o impediram de chegar a tempo.

Também não pôde destacar para esta Eucaristia um dos seus Bispos Auxiliares comprometidos com outros trabalhos em zonas distantes. Mesmo assim, embora um pouco mais tarde, pelo meio-dia, vai chegar Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo de Dume, D. Carlos Pinheiro, que estará connosco para encerrar estas solenes comemorações no descerramento da lápide evocativa e no almoço/convívio.

*Entretanto, a Missa de Acção de Graças vai principiar celebrada pelo nosso Rev.^o Pároco. **

HOMILIA

Por admirável disposição da Divina Providência, é lícito ao homem completar, aformosear a seu modo, a obra maravilhosa da criação. Deus quis, também neste particular, o concurso inteligente das Suas criaturas. E, se ao sábio compete desvendar os mistérios da matéria na mira de descobrir, dominar e aproveitar as forças ocultas; se ao arquitecto cabe tornar o mundo mais belo e harmonioso e ao estadista con-

* Leu o Sec. da Fábrica da Igreja, Sr. José Pimenta do Vale Santos.

gregar as forças dispersas para ordenadamente lançar o homem nos caminhos do progresso com todas as vantagens que a ciência e a técnica lhe oferecem, ao Educador está reservado o importantíssimo papel de *tornar o homem mais homem* para que o mundo seja mais humano e mais fraterno. Nobilíssima tarefa esta a de ajudar o homem a encontrar-se e assumir-se como senhor do mundo criado e, simultaneamente, como intérprete autorizado dos louvores do universo ao Criador Supremo. Fazer do homem cidadão de pleno direito da cidade terrena e da cidade celeste, na consagrada expressão de Santo Agostinho.

Missão sublime, dizia eu, a do Educador, mormente a do Educador Cristão, que se empenha em cultivar todos os valores, divinos e humanos, que no homem se concentram; missão sublime que se confunde com o próprio Evangelho, cujo objectivo educativo o Papa Paulo VI actualizou em Fátima num apêlo veemente: «Homens, sede homens». Homens que vivem a realidade do mundo presente cultivando a sua dimensão de transcendência.

Cristo, o Homem Novo, é o modelo paradigmático desta longa e apaixonante caminhada da educação. Ele é o mensageiro do Pai por excelência; Ele é a Boa Nova perene para todas as gerações; Ele mesmo o projecto de renovação para todos e cada um dos homens: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida». Agora, o caminho já não é uma lei, mas uma pessoa, Jesus. Cristo é a nossa Páscoa e o nosso Êxodo. Assim, a meta do educador cristão não é já uma doutrina por mais sublime e elaborada que se apresente, mas uma Pessoa, a adesão livre e voluntária do educando à pessoa de Cristo. Ele é o ponto de partida e o lugar de retorno.

Os Apóstolos, o Papa, os Bispos, os Sacerdotes levam a toda a parte o anúncio da Boa Nova, não de uma maneira exclusiva mas segundo a luz do Espírito que os chamou. Muitos outros dons o Senhor concedeu para utilidade de todos. A messe é grande e os trabalhadores são poucos, diz claramente o Evangelho. Cada homem baptizado, portanto, além do testemunho pessoal, tem de anunciar, segundo o seu carisma, individualmente ou em grupo, a Palavra de vida

e dar razão da própria esperança, como diz São Pedro: «Cada um ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu» (IP. 4, 10) para tornar conhecidas as maravilhas de Deus. Daí a plurifacetada acção apostólica a que os cristãos estão chamados. Daí o número crescente de Ordens e Congregações religiosas e outros movimentos carismáticos em todas as épocas da história. Cada uma com suas marcas específicas para iluminar com a luz que é Cristo todas as situações humanas e todos os ambientes. Carismas diferentes para responder a necessidades sempre novas. As Ordens monásticas da Antiguidade, as Mendicantes da Alta Idade Média, as Reformadas dos séculos seguintes ou os movimentos carismáticos dos nossos dias actualizam, em cada momento, a palavra do Mestre: «Ide e ensinai. Eu estou convosco todos os dias até ao fim dos tempos».

A Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, na última metade do século XVII, assume-se igualmente num projecto apostólico e missionário. Pelo ensino das crianças e dos jovens, sobretudo dos mais carenciados, pretendem a sua libertação das escravaturas vigentes: a fome do corpo e do espírito para que seja possível uma adesão livre e voluntária à pessoa de Cristo Libertador.

Nascida em França, espalha-se, depois, pelo mundo. A Revolução Francesa foi a ocasião, dolorosa sem dúvida, mas momento providencial, aprazado por Deus, para a sua difusão.

Chegam a Portugal em 1933. A sua presença em Barcelinhos data de 1952.

A sua acção entre nós, como é natural, torna-se progressivamente mais notória:

- Animar as Eucaristias dominicais;
- Assumir a direcção de grupos de catequese, em cujo ensino são especialistas;
- Colaborar em Cursos de Formação de Catequistas;
- Presidir a grupos de Compasso na Visita Pascal;
- Dinamizar grupos de jovens a diversos níveis;
- Partilhar acções culturais e recreativas, são outras tantas formas de fazer Igreja a que os Irmãos de La Salle nos habituaram e que o Povo de Barcelinhos muito aprecia,

respeita e agradece. Com a sua vida e o seu trabalho actualizam, hora a hora, o projecto libertador de Cristo forjando o Homem Novo que há-de construir o Reino de Verdade, de Justiça, de Amor e de Paz. Instruindo e educando, no único e verdadeiro sentido da palavra, preparam os jovens para resolver no *Hoje* e no *Amanhã* da História os problemas com que necessariamente vão defrontar-se.

Deus continua a apostar na liberdade do homem. E os Irmãos das Escolas Cristãs sabem que os jovens têm uma resposta a dar. Na medida em que adquirem uma consciência lúcida e crítica da realidade, cabe aos jovens um lugar de vanguarda (Ev. Nunt.) na «civilização do amor». Razão que fundamenta o apostolado preferencial dos Irmãos pelas crianças e pelos jovens.

Deus quis precisar dos homens para salvar os homens ... Os Irmãos de La Salle responderam *Sim* ao apêlo do Mestre, numa resposta mil vezes repetida. Comprometeram-se. A fidelidade à palavra de Deus que os chamou e a fidelidade ao homem em cujo crescimento humano e cristão radicalmente se empenham trouxe-os até nós num projecto de Igreja Viva. E nós queremos dizer-lhes solenemente, do alto desta tribuna sagrada, que valeu a pena. Que nos sentimos felizes e beneficiados com o seu compromisso. A hora é de alegria e de esperança.

Este momento tão íntimo, tão cheio de espiritualidade, tão próximo de Deus e dos Irmãos, que estamos a viver, é como que um oásis dulcíssimo no meio de árido deserto. Peregrinos que somos, cansados dos caminhos poeirentos da vida, dessedentamo-nos com a água fresca da amizade e o vinho novo da caridade de Cristo que nos une. Na Palavra e no Pão da Eucaristia retomamos forças para prosseguir viagem.

Entretanto, neste oásis de repouso e de reflexão, sentimo-nos dominados por dois sentimentos, desiguais é certo, mas igualmente elevados e dignificantes. Sofremos a nostalgia da saudade daqueles Irmãos/Amigos que aqui trabalharam e já partiram ao encontro do Pai Deus. Recordamos outros muitos Irmãos agora dispersos no mundo ou recolhidos ao

silêncio criativo da oração em longínqua casa de repouso a oferecerem-se a Deus, quais hóstias vivas, em prolongado holocausto de sofrimento. Muitos deles aqui difundiram o suave odor de acrisoladas virtudes, humanas e cristãs, e espalharam ensinamentos preciosos que a muitos iluminaram nos caminhos da vida.

Com a saudade vibra em uníssono o sentimento da gratidão, pois trata-se de cireneus amigos que em doação plena colaboram nesta cruzada de evangelização em que estamos empenhados. A sua presença foi e continua a ser bálsamo reconfortante nas lides do apostolado. Por isso, do coração e dos lábios brota uma prece e uma palavra de gratidão. Prece que na Eucaristia melhor se concretiza. Gratidão que na vida sempre havemos de testemunhar, o Pároco e a Comunidade de Barcelinhos.

Aqui estamos, pois, a celebrar em festa as canseiras apostólicas dos Irmãos de La Salle em dádiva generosa e constante a esta terra. Bem hajam!

Aqui estamos a agradecer ao Senhor tão dedicados mensageiros da Boa Nova. Acção de graças a Deus que para aqui mandou os Irmãos das Escolas Cristãs. Gratidão aos Irmãos pelo Bem que o Senhor lhes permitiu entre nós realizar.

Finalmente, interpretando o comum sentir de toda a comunidade paroquial de Barcelinhos, «comunidade de fé, esperança e amor» (L. G. 8), e também os sentimentos nobilíssimos das Excelentíssimas Autoridades aqui presentes, ou representadas, os sentimentos de tão distintas Personalidades convidadas que vieram honrar-nos com a sua presença, dar brilho e uma nova dimensão a esta solenidade, nós repetimos com o coração em festa:

Bem hajam, queridos e dedicados Irmãos de La Salle!

Que por intercessão do Santo Fundador, São João Baptista de La Salle, Deus Vos conceda graças sem par no exercício do apostolado carismático que constitui a Vossa razão de ser e que os homens — o homem comum e as digníssimas Autoridades — nunca Vos faltem com a necessária compreensão e estímulo em ordem a uma acção educativa plena-

mente eficaz. Promovendo o homem em todos os seus valores, o mundo será progressivamente mais belo.

E termino extasiado com São Paulo na carta aos Romanos (10, 15):

«Quão formosos são os pés dos que anunciam Boas Novas!»

P.^e Abílio

PLACA TOPONÍMICA

Pelas 13 horas procedeu-se à inauguração de uma rua sob a designação «*Rua dos Irmãos de La Salle*» com a presença de todas as autoridades e grande multidão de povo.

Descerrou a lápide o Irmão Provincial do Instituto de La Salle, Ir. Luís Miguel Fernández Renedo, que aqui se deslocou propositadamente para estas comemorações.

ALMOÇO CONVÍVIO

A abrir a sessão de brindes falou o Presidente da Junta que, em nome do povo de Barcelinhos, se regozijou com a «Festa aos Irmãos» e convidou o Presidente da Assembleia de Freguesia a entregar uma salva de prata ao Irmão Provincial, alusiva à homenagem, onde se lia a mensagem: «O povo de Barcelinhos agradecido aos Irmãos de La Salle, 26-10-86».

Outros oradores se lhe seguiram.

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Fui convidado para estar neste convívio e nesta festa de homenagem e, como Presidente da Assembleia Municipal de Barcelos, não podia deixar de estar presente. Melhor: eu quis estar presente! Sinto-me bem no meio desta gente laboriosa, aguerrida, simpática e bairrista de Barcelinhos. Melhor me sinto, quando ela se reúne para, com espotaneidade e num gesto de gratidão, homenagear os nossos queridos Irmãos de La Salle e a sua generosa obra em prol da cultura e do ensino deste grande concelho de Barcelos.

Há mais de 50 anos que a Congregação de La Salle se

instalou no nosso Distrito, semeando ensinamentos, caridade e apostolado numa profícua acção social digna do maior relevo.

Há já vários anos, instalaram-se nesta freguesia, dela irradiando para todo o concelho, num foco extraordinário de cultura e de missão formativa dos nossos jovens.

Impregnados de espírito cristão e profundamente conhecedores dos grandes problemas que modernamente se colocam à juventude, os nossos queridos amigos Irmãos de La Salle interpretaram inteiramente a profundidade e o alcance da sua missão formativa. Cedo se aperceberam de que é indispensável conviver com os jovens, senti-los, acompanhá-los e viver com eles os seus problemas, em cristã familiaridade, para levar avante, com êxito, a importante missão de conduzir os jovens de hoje e fazer deles a verdadeira garantia do futuro.

Todos nós sentimos e apreciamos profundamente a sua obra e, por isso, esta merecida homenagem; para lhes dizer e testemunhar o nosso apreço e sobretudo o nosso carinho; para lhes testemunhar os nossos profundos sentimentos de gratidão pelo contributo que abnegada e incansavelmente têm dado à juventude de Barcelos, na sua formação escolar e humana.

Lutar pela formação dos jovens de hoje e desviá-los de todos os caminhos que conduzem ao vício, à droga e à degradação humana é, sem dúvida, uma das melhores formas de fazer Igreja, de fazer sacerdócio e realizar a missão que os justifica e entusiasticamente abraçaram.

Da bondade e grandeza do seu trabalho falam todos os pais aqui presentes, os quais, prevenidos contra os inúmeros perigos que, por todo o lado, espreitam os caminhos de seus filhos, sabem e sentem bem que encontram nos Irmãos de La Salle não só os mestres competentes mas também os guias amigos e os vigilantes serenos de todos os seus passos.

O concelho de Barcelos, o maior do país em número de freguesias, bem precisa de instituições como a Congregação de La Salle.

Costumo dizer que a grande aposta do futuro novo e melhor, que todos desejamos, passa pelo investimento sério e estruturado na formação moral, física e intelectual da nossa juventude. É para ela que temos de olhar com desvelada

atenção, se queremos realmentne construir um concelho melhor. Vale a pena lutar por essa causa; diria mesmo que é a maior causa por que vale a pena lutar.

É preciso conjugar esforços e unir vontades nesse objectivo.

Direi finalmente que é preciso construir estradas, caminhos e melhorar todas as infraestruturas do concelho; mas o desenvolvimento harmónico de Barcelos implica cada vez mais a ideia de que cada estrada ou caminho que se construa devem dar a uma escola, ou associação cultural, ou parque de jogos, onde também se valorizem, pessoalmente, os nossos jovens, que são indiscutivelmente a mais forte razão de ser de todo o trabalho do presente. São, aliás, os jovens de hoje quem, afinal, irá, por certo, dirigir já os destinos da nossa terra no Outono e Inverno da nossa vida.

Por tudo isto, resta-me pedir aos queridos Irmãos de La Salle que continuem a lutar por todos nós, que todos nós lhes agradeceremos.

Disse.

Vasco de Carvalho

PRESIDENTE DA CÂMARA

A festa que estamos a viver representa o profundo reconhecimento do povo de Barcelinhos pelo valioso serviço permanentemente prestado, ao longo de mais de 30 anos, pelos Irmãos de La Salle.

Mas constitui, também, um veemente apelo para que essa obra se mantenha e perdure para o engrandecimento cultural na nossa juventude escolar.

Muitos dos presentes sentiram e conheram os frutos dessa meritória instituição e, por isso, querem que os vindouros dela possam igualmente beneficiar.

Como Presidente da Câmara Municipal de Barcelos junto a minha voz à destes barcelinenses, apelando aos Irmãos de La Salle para continuarem a obra cultural e humana a que tão devotadamente se vêm dedicando de alma e coração, apenas com o fim de servir a colectividade em que estão inseridos.

Por isso, os barcelinenses consideram que os Irmãos de

La Salle constituem uma instituição própria desta freguesia e com ela formando uma única colectividade, reconhecemos e agradecemos o capital que La Salle investiu no campo da Cultura, fonte de todo o desenvolvimento de qualquer sociedade.

Deixo, pois, aqui também a minha palavra de muita gratidão aos Irmãos de La Salle, bem como um louvor a todos os barcelinenses pela forma como quiseram patentear a sua gratidão, estima e profundo reconhecimento a esta instituição com uma série de realizações que foram publicamente anunciadas e que mereceram do público uma adesão significativa.

João Batista Machado

BISPO DE DUME E AUXILIAR DE BRAGA

O Sr. Arcebispo Primaz, ao tomar conhecimento da homenagem que a Assembleia de Freguesia e Comissão Fabriqueira de Barcelinhos, ia prestar aos Irmãos de La Salle, pelos altos serviços prestados a esta Paróquia, decidiu estar presente por um dos seus Bispos Auxiliares, já que pessoalmente lhe era de todo impossível.

Por isso aqui me encontro e com muita alegria, associando-me a tão justa homenagem.

Há 36 anos que os Irmãos de La Salle estão em Barcelinhos a desenvolver uma notável acção sócio-cultural em benefício do povo desta parcela da Arquidiocese.

O Colégio de La Salle, é ainda um lugar de encontros pastorais e centro irradiador de formação dos jovens. Bem merecem também uma palavra de agradecimento da parte da Igreja Diocesana de Braga.

A estes prestimosos serviços hoje recordados, circunscritos a terras de Barcelos, bem podemos e devemos acrescentar, no intuito de reforçar a justiça da homenagem, aqueles que os Irmãos de La Salle, desde há 53 anos, vêm prestando na cidade de Braga, no Colégio dos Orfãos de S. Caetano, e que tem uma projecção a nível nacional contando alunos de todo o País.

Regozijo-me pela nobre atitude de gratidão da parte da Assembleia de Freguesia, da Junta de Freguesia e da Comissão Fabriqueira de Barcelinhos, promovendo esta merecida homenagem, e felicito-os vivamente.

Desejava aproveitar esta oportunidade para realçar um dos significados do acto que celebramos, na perspectiva de intencionalidade e motivação das pessoas a quem homenageamos: Irmãos Portugueses e Espanhois.

É que nem sempre se reconhece à Igreja o contributo valioso que, no passado e na actualidade, tem dado na promoção multifacetada do nosso povo, especialmente em prol dos mais desprotegidos.

Pois os Irmãos de La Salle são uma presença de Igreja no mundo, enquanto pessoas consagradas, que vivem a sua vocação religiosa e se dedicam totalmente ao serviço de Deus e do próximo. Não tem outra finalidade que não seja a de manifestarem e testemunharem nas suas vidas de doação, em Igreja, a Verdade do Evangelho e a transcendência da entrega total destes homens a Deus, também presente pessoas a quem prestam serviço.

Aos Irmãos de La Salle felicito por esta homenagem e agradeço-lhes profundamente tantos serviços ao Povo de Deus especialmente nesta Diocese de Braga.

Barcelinhos, 27 de Outubro de 1986.

Carlos F. M. Pinheiro

REPRESENTANTE DO INSTITUTO LA SALLE

Como é do conhecimento público, os Irmãos de La Salle entrámos em Barcelinhos no ano 1952. Já lá vão 34 anos! Viemos para ficar e ficamos realmente.

Nestes longos anos, no desempenho da nossa missão, fizemos o que pudemos, fizemos o que sabíamos fazer, de harmonia com o carisma que nos legou o nosso Fundador S. João Baptista de La Salle. E somos plenamente conscientes de não termos feito mais do que devíamos. Agir doutro modo suporia simplesmente atraíçarmos o ideal que abra-

çámos um dia, enrolando-nos no Instituto a que nos orgulhamos de pertencer.

Deus sabe que temos trabalhado por Ele e que d'Ele unicamente esperamos a recompensa e o galardão.

Mas, se Deus vê e calibra justamente o bem que se faz, também os homens têm olhos para ver, e são capazes de valorizar as atitudes e o comportamento dos seus semelhantes. Foi assim que teve origem esta homenagem que tanto nos lisonjeia, mas que consideramos imerecida, na medida em que — repito — os Irmãos de La Salle não fizemos mais do que devíamos fazer. E cumpre-me ressaltar que, se a aceitámos, foi unicamente por não trairmos a memória daqueles Irmãos, que precisamente hoje se encontram longe, mas que os barcelinenses têm bem presentes neste momento.

Esponaneamente, com certeza, acodem à mente de todos, entre outros, e com que saudade!, os nomes do Ir. Emílio e do Ir. Martinho, para não citar mais do que estes, aos que desejaria que chegasse neste momento todo o calor entusiasta desta homenagem numa vibrante salva de palmas.

Irmãos houve que passaram entre nós como estrelas fugazes, deixando, porém, após eles um rasto de luz fulgurante.

Há os que prolongaram uma labuta calada, cujos nomes talvez nem sequer são conhecidos. Foram, no entanto, semeando muito grão, que a seu devido tempo produziu ou produzirá ainda os mais abundantes e sazonados frutos. Porquanto a sua lembrança nos é cara, eu pedia também palmas para eles.

Outros, tornam-se mais populares e os seus nomes são pronunciados familiarmente e com veneração, mercê dum contacto mais directo e prolongado com a população, sobretudo infantil. Alguns deles estão entre nós, mas eu não queria de modo algum ferir a sua modéstia. «Pelos seus frutos os reconheceréis».

Barcelinenses! Sempre provastes bem — e particularmente hoje com este gesto — que sois uma terra boa, onde espontaneamente germina e floresce a gratidão. É justo reconhecê-lo. E é por isso também que o Instituto de La Salle, neste dia, aprofunda ainda mais as suas raízes numa terra

tão acolhedora, tão simpática, onde apetece viver, onde apetece trabalhar e onde apetece morrer.

Desde este dia, barcelinenses, contraímos uma dívida convosco. Se até aqui temos trabalhado com afinco, teremos doravante que fazê-lo ainda com mais ardor: a tanto nos obriga este gesto de simpatia, que nos chega ao mais íntimo da alma! Espero, porém, que não vos defraudaremos.

Amigos todos: alguém de nós teria que vos dizer um «muito obrigado» sincero. Certamente não seria eu o mais qualificado para o efeito. Entendo, contudo, que o facto da minha permanência entre vós por espaço de mais de trinta anos, me confere um certo direito e o dever de o fazer. Tornei-me de algum modo mais um barcelinense, a quem muito incentiva a vossa presença amiga e a vossa amizade nunca desmentida. A todos, pois, «MUITO OBRIGADO».

Obrigado, aos membros da Assembleia da Freguesia, aos membros da Junta, aos membros da Comissão Fabriqueira, que sob a orientação do Rev.º P.e Abílio tiveram por bem sensibilizar a população e arcar com as custas e canseiras desta homenagem. Aceitem o nosso mais cordial e sincero reconhecimento.

Obrigado a S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo Auxiliar pela sua presença, que consideramos como gesto paternal e bênção que nos estimula para melhor fazer na nossa actividade no âmbito paroquial.

Obrigado ao Sr. Governador Civil que, por seu representante, quis também partilhar a nossa alegria e dar, de algum modo, respaldo oficial ao labor realizado pelos Irmãos de La Salle, no campo da educação, na zona deste vasto concelho.

Obrigado ao Sr. P.e Abílio, que, além da sua amizade a toda a prova, da sua compreensão sem limites, nos deu sempre o maior apoio nas dificuldades e a colaboração mais leal em todos os nossos empreendimentos.

Obrigado à imprensa e demais órgãos de comunicação social pelo apoio e cobertura que sempre nos deram, e de modo especial nesta circunstância.

Obrigado a todos os presentes, com especial destaque para o Sr. Presidente da Câmara, para o Sr. Deputado Sérgio

de Azevedo, para o Sr. Presidente da Assembleia Municipal, Corporações Religiosas, Civis e Militares, Bombeiros, Coral de Barcelos, etc., etc., pelo calor que aportaram a este acto.

Obrigado finalmente a quantos, ausentes forçados, vivem, no entanto, em espírito connosco e comungam dos mesmos sentimentos. A todos, MUITO E MUITO OBRIGADO!

* * *

Minhas senhoras. Meus senhores:

Não queria concluir, sem chamar a vossa benévola atenção sobre a realidade que é hoje o Colégio La Salle, aonde convergem diariamente 320 alunos de mais de 40 freguesias do concelho, e não só. Trata-se dum estabelecimento de ensino que, com cinco anos apenas de existência como externato, se impôs como uma realidade de que Barcelinhos pode, sem dúvida, gabar-se.

Sem pretensão alguma de competência, o Colégio La Salle quis apenas colmatar uma carência existente na zona, e fê-lo — assim o julgamos — dum modo eficiente e satisfatório. Não deveria ser eu a dizê-lo, mas desculpar-me-eis, porquanto também queria dizer-vos que o nosso maior timbre de glória é o de termos impartido a docência gratuitamente. Mas cumpre-me ainda comunicar-vos que pairam nuvens de mau agoiro sobre o Colégio La Salle: pretende-se nada menos do que arrebatá-los a gratuitidade, aquilo em que os irmãos de La Salle tínhamos e temos o maior empenho.

Eu queria neste momento prender a particular atenção do Ex.^{mo} Sr. Governador Civil e do Sr. Presidente da Câmara, no sentido de nos ajudarem a manter esta conquista, este direito adquirido, do que de modo algum quereríamos abdicar.

Se assim for, o Colégio La Salle poderá continuar a ser o orgulho de Barcelinhos, e os Irmãos de La Salle poderemos seguir devotando-nos à sublime missão de educar a ricos e pobres, sem distinção alguma, com o único intuito de preparar para a Igreja e para a Pátria os homens e mulheres que todos desejamos.

Tenho dito.

Irmão Francisco Iglésias

NOTA DA COORDENAÇÃO

Quando este opúsculo já se encontrava a imprimir, foi recebida uma carta do Ir. Provincial. Pelos sentimentos que ela traduz, pela mensagem que contém, a transcrevemos e publicamos, em extratexto, com a devida vénia:

*Rev.do D. Abílio, Párroco de S. Andrés.
Barcelos*

Querido D. Abílio, recordado amigo de nuestros Hermanos de La Salle, en esa su Felgresía:

Me es grato dirigirme a usted y saludarle muy cordialmente. Estas letras son testimonio de amistad, de aprecio, de admiración. El recuerdo de las fiestas celebradas en su compañía hace unos días me sugiere este contacto con usted.

Fue una gran satisfacción participar en los actos con que la felgresía de Barcelinhos, y el propio Barcelos, quisieron manifestar un homenaje a los Hermanos de las Escuelas Cristianas. Fue, sencillamente, bello, entrañable, inolvidable.

Gracias por lo que usted puso en ello. Sinceramente, creo que fue el alma y empuje. Que Dios bendiga su capacidad de apreciar la labor callada, constante y desinteresada de ese grupo de Hermanos que en los 34 años de fundación del Colégio han querido poner lo mejor de sí mismos, más o menos, siempre de todo corazón, al servicio de la educación de las personas de niños y mayores, y al testimonio de la fe que estimula nuestras vidas en el camino del amor y la justicia. Muchas gracias.

Y compartir también con usted las dos preocupaciones de nuestra familia religiosa en Barcelos y Portugal. La primera, ese querer poder impartir la enseñanza en el Colégio gratuitamente; para que nadie se sienta excluido, para atender a todos, sin distinción de posibilidades económicas; porque ya el mismo Hno. Iglesias confesó la situación que

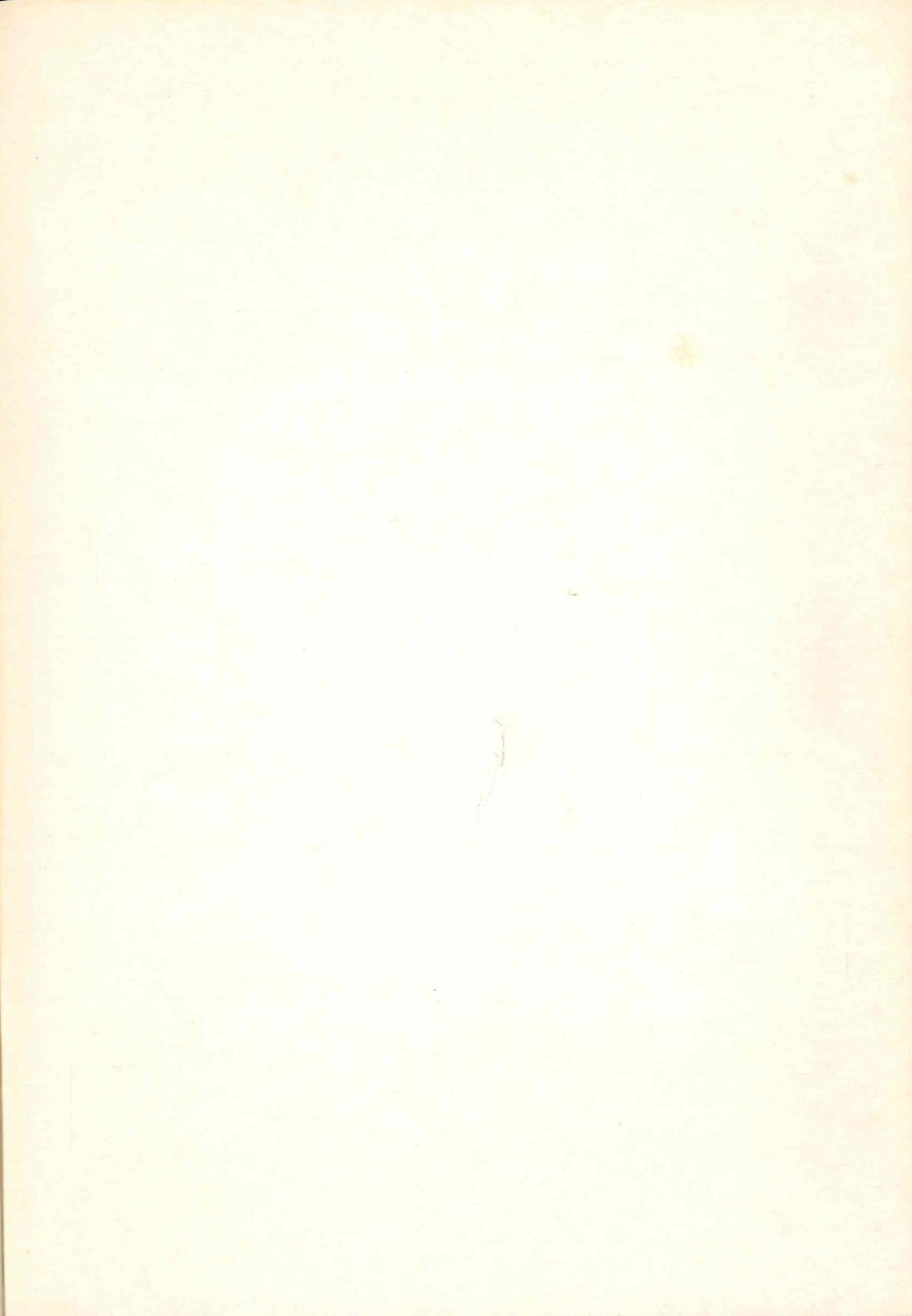
nos amenaza, situación que usted conoce y comparte. Y, segundo, nuestro deseo de que nuestra Congregación se vaya haciendo portuguesa; el interés por que surjan vocaciones para Hermanos de La Salle entre las gentes que van conociendo y apreciando la obra educativa y de promoción que deseamos hacer en el pueblo de ustedes, bien hecha, de corazón, como un servicio.

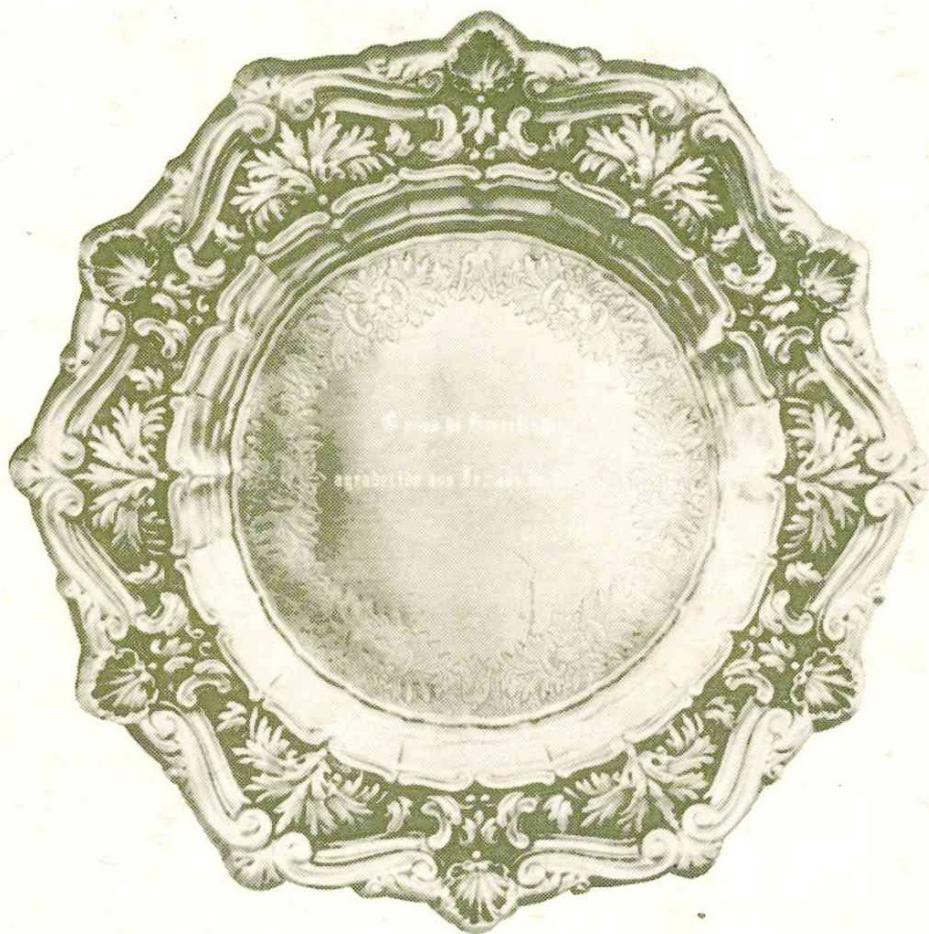
Ya ve. Lo comparto con confianza. Son nuestras preocupaciones mayores. Para que las comprenda. Como signo de aprecio y de confianza en el apoyo que nos demuestra y que confiamos seguir contando. Porque sabemos que usted es muy cercano y considera muy suyas cuantas alegrías y dificultades constituyen la vida de los Hermanos entre ustedes.

Reciba estas palabras sencillas, como lo que quieren ser: un testimonio de simpatía, amistad, agradecimiento. Y la disposición de continuar muy cerca de toda la vida de la felgresa, en una estrecha y fraternal colaboración.

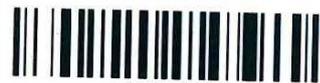
Con mi mejor aprecio. Con el de nuestra Congregación. Unido en la oración de cada día, quedo suyo,

Hno. Luis Miguel Fernández Renedo, Provincial





biblioteca
municipal
barcelos



14255

Homenagem aos Irmãos de La
Salle em Barcelinhos